



Casa Brasil Imbariê reúne visitantes de todos os distritos

CASA BRASIL IMBARIÊ MANTÉM PORTAS ABERTAS À COMUNIDADE

Com menor oferta de cursos e estrutura defasada, o espaço cultural sobrevive com pouco

Sem incentivo monetário, ou com baixo fomento, agentes culturais se espalham por todos os lados da cidade Duque de Caxias e mostram sua força criativa. De forma cada vez mais comum, grupos consolidam a criação e a ocupação de espaços públicos.

Com grandes 'fazedores' influenciando os quatro cantos da cidade, Duque de Caxias perpassa por todas as intervenções artísticas. Promovendo manifestação, resistência e trabalho, os agentes locais encontraram a maneira de resgatar o que por muitos anos lhe foi negado: o direito de fazer política.

Destinado à inclusão social, cultural e digital, a Casa Brasil de Imbariê é um espaço comunitário que carrega a força de ser o único aparelho cultural público do terceiro distrito da cidade e sede da biblioteca. De acordo com Alex Fabiani, professor da Casa, a instituição atualmente oferece cursos de teatro, desenho, RPG, artesanato e mitologia, o espaço mantém as portas abertas à comunidade. Para o estudante Lorrán Portilho, 22, a Casa proporcionou o primeiro contato com o teatro. "Vivi muitas histórias na Casa Brasil. Fiz parte da primeira turma de teatro, de 2011 a 2017. Convivi com professores maravilhosos e o curso me fez descobrir a minha paixão, me fez perceber que nasci para ser ator", contou.

Se propondo a capacitar pessoas, colocando-as no centro do processo, e resistindo para manter suas atividades, a Casa sofre com a pouca infraestrutura decorrente de um longo abandono. Uma grande preocupação dos usuários é a biblioteca, que teve parte do seus livros danificados por conta de um vazamento durante as chuvas e se encontra fechada. Procurada para esclarecimentos, a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Duque de Caxias, gestora da Casa Brasil Imbariê, não prestou explicações até o fechamento desta edição.

Em resistência a falta de incentivo do espaço, o Cineclube Imbariê nos Trilhos ocupa a Casa e aponta para a importância da participação popular na construção das políticas públicas. Pensando cultura e mobilidade urbana, o grupo aposta no audiovisual e na proposta de renovação da malha ferroviária que abrangê a região. "Utilizamos o audiovisual para ampliar o repertório cultural de jovens e adultos. Mas, na busca pela democracia e pela justiça social, lutamos pela implantação do VLT em Vila Inhomirim e Guapimirim como forma de promover a sustentabilidade e redução das desigualdades na região", conclui um dos fundadores Marcos Maciel.

EDITORIAL

O Jornal Imbariê nos Trilhos nasceu para promover o debate sobre mobilidade urbana, cultura e desenvolvimento no terceiro distrito de Duque de Caxias. Queremos que as informações do jornal estimulem conversas na feira, nos botequins, esquinas, dentro dos trens, nos campos de futebol, nas escolas, nas igrejas, no almoço de família e em todos os lugares onde o povo estiver.

Acreditamos que a implantação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) no ramal Vila Inhomirim e a modernização das estações é o caminho para gerar desenvolvimento urbano, econômico e social na região. Mas essa transformação somente será possível se exercermos ativamente nossa cidadania e defendermos juntos esse projeto comum para a mobilidade urbana. Por isso sua participação cidadã é muito importante! Ajude a divulgar o jornal, converse com amigos sobre o Projeto Central (VLT) e participe das sessões do Cineclube Imbariê nos Trilhos, na Casa Brasil. Venha conosco neste vagão e vamos construir um novo capítulo de nossa história.

EXPEDIENTE

Conselho editorial: Henrique Silveira, Marcos Maciel, Alex Fabiani, Valmir Farias e Paola Ferreira.

Jornalista responsável: Paola Ferreira

Fotografia: Marcos Maciel

Diagramação: Pétalla Menezes

Coordenador do Jornal: Henrique Silveira

Tiragem: 1000 exemplares

Para mais informações: cineclubeimbarienostrilhos@gmail.com

APOIO:

CASA
FLUMINENSE

JORNAL IMBARIÊ NOS TRILHOS

1ª EDIÇÃO, JULHO DE 2018
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
LEIA E PASSE ADIANTE.

MOBILIDADE URBANA, CULTURA
E DESENVOLVIMENTO
NO 3º DISTRITO DE
DUQUE DE CAXIAS

VLT NO RAMAL VILA INHOMIRIM

Sofrendo com o abandono da linha férrea, moradores criam movimento para cobrar a implementação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT)

Com a circulação de cerca de três mil pessoas por dia, o ramal se mantém com a linha férrea coberta por mato, composições da década de 1960, enferrujadas, sem refrigeração ou adaptações para deficientes físicos. A dura realidade faz com que os usuários do ramal sintam na pele o desconforto da viagem que, com duas baldeações, beira 2h30min até a Central do Brasil – destino de muitos trabalhadores.

Usuário do trem há 30 anos, Marcos Pinto, mecânico e morador de Parada Angélica, afirma que o ramal está abandonado. "São uns trens tão velhos quanto eu (risos). Todo dia é um aperto, às vezes encontro até banco quebrado", conta, ao apontar que a demora no trajeto de um dos grandes problemas do ramal. "Todo dia é a mesma demora. Só aqui é assim, no Centro tudo funciona e no Vila Inhomirim pararam no tempo. É um absur-

do. Isso quando não acontece alguma coisa na linha e o trem fica horas parado", diz.

De acordo com o 'Projeto Central', elaborado pelo Sindicato dos Engenheiros - SENGE/RJ, em parceria com o CREA-RJ, o Veículo Leve sobre Trilhos é a melhor solução para a mobilidade urbana. A pesquisa aponta a viabilidade da remodelação dos trechos de Saracuruna a Guapimirim, Visconde de Itaboraí a Niterói, para a implementação do VLT. "É preciso pensar na melhoria do transporte que leva as pessoas. O recurso para implantar o VLT, que é um projeto nacional, é baixo, mas falta vontade política para colocar o projeto na rua", afirma Jorge Saraiva, diretor secretário geral do SENGE-RJ.

Para o ramal de 15 km do Vila Inhomirim, que liga Saracuruna à Raiz da Serra, a viabilidade é a mesma, é

o que aponta o levantamento da Secretaria do Estado de Transporte (SETRANS) em parceria com a SuperVia. Segundo o estudo, a revitalização do ramal Vila Inhomirim, que hoje tem uma demanda de 1.560 passageiros/hora, terá como meta beneficiar 10,6 mil usuários no mesmo período. Para esta mudança há previsão de, através do Banco Mundial, ser investido US\$ 36,7 milhões na compra de sete composições para os ramais de Vila Inhomirim e Guapimirim.

Sendo uma opção ao transporte rodoviário, o ambulante Jorge Gonzaga, conhecido como azulão, membro do Movimento Projeto Central, diz que o primeiro passo é a duplicação da via no trecho Saracuruna - Gramacho. "A duplicação vai proporcionar uma viagem direto de Saracuruna até a Central do Brasil". Com a implantação do VLT nos ramais Vila Inhomirim e Guapimirim, o fluxo de passageiros aumentará muito na estação de Saracuruna e os trens deverão seguir viagem direto para o centro sem fazer baldeação em Gramacho. Azulão reforça que o "VLT funciona em bitola estreita e possui a mesma altura das plataformas atuais, é só comprar as novas composições e colocar para funcionamento".

O Cineclube Imbariê nos Trilhos, coletivo criado em 2017, luta pelo VLT na região. Para a assistente social e moradora de Imbariê, Siomara de Azevedo, o novo transporte só tem a trazer benefícios para a localidade. "A implantação do VLT é benéfica não só para o transporte de massa, mas também se dá como forma de revitalização do entorno dos trilhos trazendo modernidade e fomento ao comércio local. É preciso um transporte de massa eficaz e que se torne uma opção em relação ao transporte rodoviário que possui um valor abusivo", enfatiza.



Trem a diesel na estação de Imbariê, em Duque de Caxias



BICICLETA COMO MEIO DE TRANSPORTE

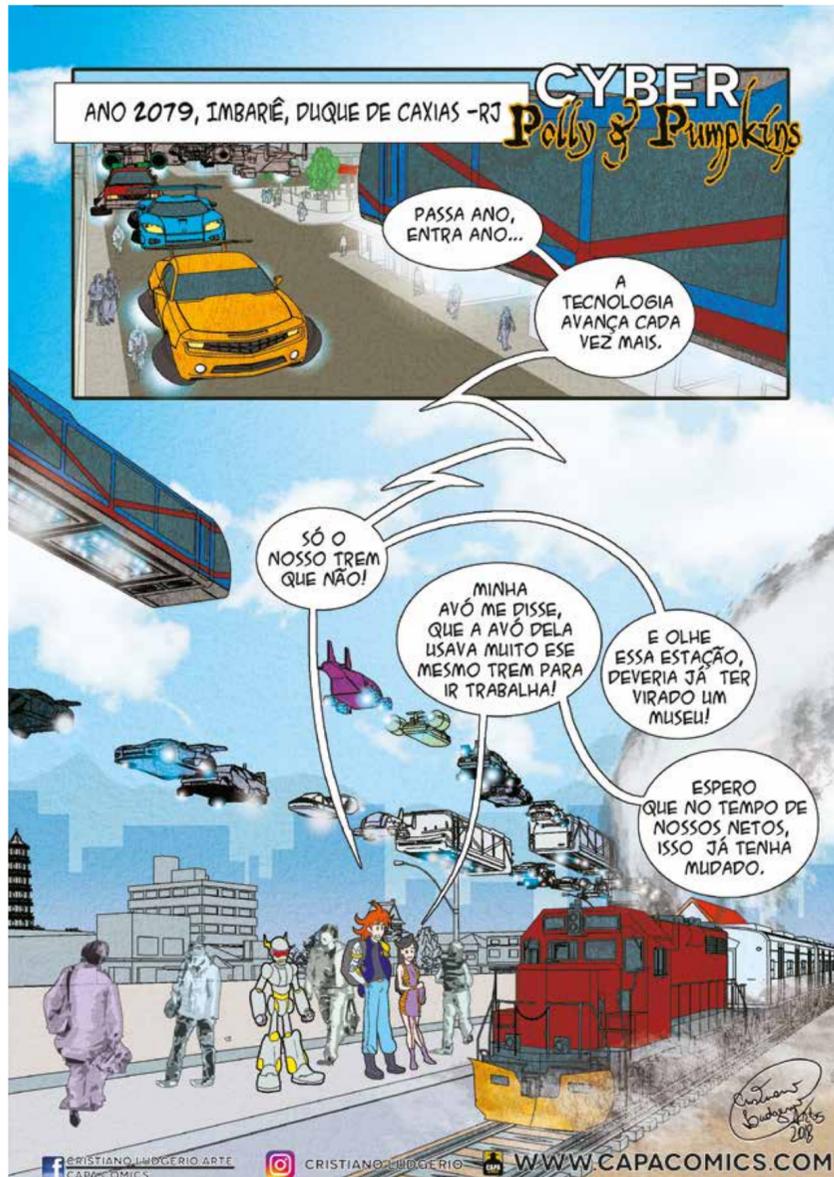
Quem precisa para usar a bicicleta chegar aos meios de transporte público não tem vida fácil na Região Metropolitana do Rio. A reclamação vem de Imbariê, em Duque de Caxias, onde sobram bicicletas e faltam bicicletários.

Utilizada como meio de transporte rápido para cumprir médias distâncias, a bicicleta também se tornou um modo de economizar diante do alto preço das passagens de ônibus. "A bicicleta se tornou uma forma de economizar na passagem de ônibus que é abusiva. Eu a deixo presa na pracinha e vou trabalhar de trem, assim consigo diminuir o gasto que eu teria com o ônibus até o centro do Rio", afirma a diarista Ana Silva, de 29 anos, que pedala dois quilômetros todos os dias para chegar até o trem. Amarrar a "magrelinha", carinhosamente apelidada, faz parte da rotina. Na volta, pega a bicicleta na mesma estação e retorna para casa.

Mas apesar de ser um forte elemento da identidade cultural de Duque de Caxias, chama atenção a ausência de bicicletários - como forma de integração efetiva entre a 'magrelinha' e os transportes públicos, como ônibus e trem. Além de paraciclos, posicionados próximos a pólos atrativos, sendo uma forma de movimentar o comércio local e incentivar o uso recreativo da bicicleta. "Há uma grande circulação de bicicletas não só aqui em Imbariê, mas em toda Baixada ela é muito utilizada. Num dia a gente atende umas 20 pessoas, então dá pra perceber como é importante a relação com a bicicleta. Tem gente que usa para ir trabalhar, tem a galera que circula pelo bairro; as crianças, a molecada. Além disso, é um exercício ótimo", conta Jorge Renato, dono de uma casa de bicicletas.



Bicicletas se aglomeram no suporte do canteiro em Praça de Imbariê



VEJA NO YOUTUBE O FILME "PROJETO CENTRAL: O TREM NOSSO DE CADA DIA" E SAIBA MAIS SOBRE A PROPOSTA DE VLT PARA A REGIÃO.

REGIÃO METROPOLITANA DO RIO CONTABILIZA 200 MIL JOVENS FORA DA ESCOLA

Entrada no mercado de trabalho e gravidez precoce são motivos de abandono escolar entre adolescentes



Colégio Estadual Dr. Alfredo Backer, Imbariê

Na cidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, milhares de jovens estão se afastando das atividades escolares. Os números são surpreendentes e traduzem uma realidade inimaginável: 200 mil jovens, de 15 e 17 anos, estão fora da escola na região metropolitana do Rio de Janeiro, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2015).

De acordo com o Censo Escolar 2015/Inep, há uma fileira de motivos para explicar as carteiras abandonadas. A falta de estímulo escolar e a má qualidade educacional são um dos principais fatores. No entanto, outros dois fatores variam de acordo com o sexo. Segundo PNAD, no Sudeste, 63% dos rapazes que abandonaram o colégio estavam trabalhando ou procurando emprego. "Minha mãe recebe pouco para criar eu e meus irmãos. Então, eu resolvi trabalhar mesmo ela não gostando que eu deixasse a escola", afirma Vitor Andrade, 18, morador da Taquara.

Enquanto, entre as mulheres, cerca de 610 mil jovens de 15 a 17 anos estão fora da escola sem ensino médio. Entre elas, 212 mil, equivalente a 35%, já eram mães nessa faixa etária; somente 2% das adolescentes que engravidaram continuaram a estudar.

Segundo a assistente social Estela Funmilayo, dentro das periferias,

boa parte das meninas que ficam grávidas não recebem o apoio dos pais devido às condições financeiras. "Elas se veem obrigadas a interromper o processo de estudo, pois não têm estrutura financeira para deixar os filhos na creche", conta, ao falar ainda que "algumas mulheres também são desencorajadas pelo cônjuge a continuarem estudando" (sic).

CRECHE PÚBLICA

De acordo com Funmilayo, "as creches são um espaço fundamental para a autonomia econômica e política das mulheres trabalhadoras" (sic). Em Imbariê, os responsáveis contam com apenas uma creche pública, a Creche Municipal Monsenhor Libreloto. "Há uma grande lista de espera. Os pais nos procuram não só porque precisam trabalhar ou estudar, mas porque nosso papel também é auxiliar no desenvolvimento da criança", afirma a gestora Isabel Cristina Nascimento.

ACESSO À UNIVERSIDADE

Segundo a pedagoga Vaneli Chaves, é necessário a existência de pré-vestibulares comunitários dentro dos bairros da periferia. "É preciso que estes jovens tenham a oportunidade de conquistar não só o ensino médio completo, mas o ensino superior", diz, ao

reconhecer que é preciso reafirmar que "eles precisam ocupar o espaço que também é deles, precisam reivindicar e mostrar que também estão aqui" (sic).

Para Areno Rangel, ex-aluno do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC Valeu Zumbi), em Santa Lúcia, a instituição, que hoje se encontra fechada, foi de grande importância para que ele alcançasse o curso de graduação em Matemática pela UERJ/FEBF. "O pré comunitário dá oportunidade de se preparar para o ingresso em uma universidade pública, visto que a educação é defasada nas escolas e muitos ficam perdidos ao terminar o ensino médio. As universidades particulares são caras, provocando a desistência ou a procura de um emprego para custeá-la. Então, com toda certeza, o pré social é um incentivo àqueles que desejam a oportunidade", diz.

Com três centros de ensino superior em Duque de Caxias - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na Vila São Luís; FAETEC, em Imbariê e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em Xerém -, jovens e adultos têm acesso a uma universidade perto de casa. A FAETEC de Imbariê possui curso de nível superior, nível técnico e pós-médio. Segundo Luiz Fernando Júnior, ex-estudante de Processos Gerenciais, ter acesso a uma gama de cursos o ajudou a optar pela instituição. "A FAETEC é de extrema importância para a profissionalização dos jovens. Tem muitos cursos de ensino médio e pós médio, mas peca no ensino superior onde só tem uma opção. Comparada a outras unidades a oferta é muito baixa. Mas, ainda sim, é essencial para o desenvolvimento da região", conta.

Apesar do ensino de qualidade, alunos da FAETEC chegam e saem da instituição com medo de furtos e roubos. "Os arredores da unidade estão abandonados. É muito lixo, as ruas nem sequer são asfaltadas", afirma, Luiz Fernando, ao lembrar que a defasagem de funcionários é grande. "Falta professor, segurança, faxineira e até mesmo uma secretaria. É preciso investir na FAETEC para que não seja sucateada".